

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

Temporada 2025

o

p

s

s

e

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

3, 4 e 5 de abril



Antonio Meneses

RECIFE, BRASIL, 23 DE AGOSTO DE 1957 – BASILEIA, SUÍÇA, 3 DE AGOSTO DE 2024

Nos anos 1990, em concerto da Osesp regida por Eleazar de Carvalho, Antonio Meneses foi o solista em *Dom Quixote*, de Richard Strauss – uma de suas muitas e memoráveis participações junto às nossas temporadas. Desde então, a Orquestra teve em Antonio um parceiro fiel e constante em momentos cruciais: turnês, gravações e muitas apresentações na Sala São Paulo. Três décadas passadas, voltamos a convidá-lo para interpretar a mesma obra. Era para estarmos ouvindo-o agora. Infeliz, súbita e precocemente, perdemos nosso grande artista no último agosto.

Dedicamos, assim, este concerto à memória de Antonio Meneses que, com sua maestria, tocou profundamente o público, também ensinando e inspirando gerações de músicos.

3 DE ABRIL,
QUINTA-FEIRA, 20H00

4 DE ABRIL,
SEXTA-FEIRA, 20H00

5 DE ABRIL,
SÁBADO, 16H30

Sala São Paulo

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Emilia Hoving REGENTE
Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO
Horácio Schaefer VIOLA

UNSUKE CHIN [1961]
Operascope [2023]
[COECOMENDA OSESP COM A BAYERISCHE STAATSORCHESTER E O TONGYEONG
INTERNATIONAL MUSIC FESTIVAL | ESTREIA LATINO-AMERICANA]
9 MINUTOS

CARL NIELSEN [1865-1931]
Sinfonia nº 5, Op. 50 [1920-1922]
1. TEMPO GIUSTO. ALLEGRO NON TROPPO
2. ALLEGRO. ANDANTE UN POCO TRANQUILLO. ALLEGRO
34 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
*Dom Quixote, Op. 35 – Variações fantásticas sobre um
tema de caráter cavalheiresco* [1896-1897]
1. INTRODUÇÃO
2. TEMA COM VARIAÇÕES
3. FINALE
38 MINUTOS

UNSUOK CHIN

SEUL, COREIA DO SUL, 1961

Operascope[2023]

[COECOMENDA OSESP COM A BAYERISCHE STAATSORCHESTER E O
TONGYEONG INTERNATIONAL MUSIC FESTIVAL | ESTREIA
LATINO-AMERICANA]

ORQUESTRAÇÃO: 3 FLAUTAS, 3 OBOÉS, 3 CLARINETES, 3 FAGOTES,
6 TROMPAS, 3 TROMPETES, 4 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS,
PERCUSSÃO, PIANO, CELESTA E CORDAS.

Estreada em 6 de novembro de 2023, *Operascope* foi composta por encomenda da Orquestra do Estado Bávaro em comemoração aos seus 500 anos. Uma das três maiores orquestras da cidade de Munique, na Alemanha, essa orquestra foi responsável pela estreia de algumas das mais célebres óperas da história, como *Idomeneo* de Mozart, *Tristão e Isolda* e *Os mestres cantores de Nuremberg* de Wagner ou *Capriccio* de Richard Strauss.



O grupo estreou também, em 2007, *Alice in Wonderland* [Alice no País das Maravilhas], a primeira ópera de Unsuk Chin – que hoje trabalha em sua segunda obra do gênero, *O lado escuro da lua*.

Foi estimulada por essa história que Chin criou *Operascope*, que define como um “*tour de force* de 10 minutos pela história da ópera”. Diferentemente do que se poderia esperar, contudo, a obra de Chin não apresenta uma série de paráfrases e citações de temas conhecidos ou árias famosas. Ao contrário, busca capturar a “aura” da ópera, essa “usina de emoções”, como a compositora define o gênero citando o filósofo Alexander Kluge. Para isso, Chin abstrai, isola e recombina pequenos fragmentos musicais que evocam gestos típicos do repertório operístico. O que se escuta é, portanto, um caleidoscópio – daí o -scope do título – de alusões espectrais a efeitos, afetos e elementos estilísticos comuns aos mais conhecidos dramas musicais.

Nessa busca pelos códigos e pela gramática da ópera, ou melhor, por sua essência sonora, Chin produz uma abertura que, ainda que impeça a identificação de suas referências e inspirações, gera no público uma estranha e fascinante sensação de familiaridade.

Igor Reis Reyner

ESCRITOR, PESQUISADOR E PIANISTA. DOUTOR EM LETRAS PELO KING’S COLLEGE LONDON. AUTOR DO LIVRO *CORPO SONORO & SOUND BODY* (IMPRESSÕES DE MINAS, 2022).

CARL NIELSEN

NØRRE LYNDELSE, DINAMARCA, 1865 – COPENHAGUE, DINAMARCA, 1931

Sinfonia n.º 5, Op. 50 [1920-1922]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 3 FLAUTAS, 2 OBOÉS,
2 CLARINETES, 2 FAGOTES, CONTRAFAGOTE, 4 TROMPAS,
3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS,
PERCUSSÃO, CELESTA E CORDAS.

Nascido na Dinamarca há 160 anos, Carl Nielsen é para seus conterrâneos aquilo que Jean Sibelius e Heitor Villa-Lobos são para os finlandeses e os brasileiros: o grande compositor nacional. Em suas sinfonias, porém, são poucas as referências às cantigas que embalaram sua infância, passada em uma vila camponesa da ilha de Fiônia. Isso decorre do fato de que, para ele, uma obra sinfônica deve abarcar reflexões de caráter mais abstrato. Sua *Sinfonia n.º 2 – Os quatro temperamentos* [1901-1902], por exemplo, explora as diferentes facetas da psicologia humana, ao passo que sua *Sinfonia n.º 4 – O inextinguível* [1914-1916] é uma celebração de todas as “manifestações da vida, isto é, de tudo aquilo que se move, de tudo aquilo que quer viver”.

Nielsen não deu um título à sua *Sinfonia n.º 5*. Ainda assim, podemos dizer que ela mistura elementos da segunda e da quarta sinfonia. Segundo o compositor, seu objetivo é expressar aquilo que, no fundo, seria “a única coisa que a música pode expressar: o contraste entre forças em repouso e forças ativas”¹. Há uma clara dimensão psicológica na maneira como a obra representa a estaticidade e o dinamismo, a negação e a aceitação da vida.

Essas oposições se materializam na estrutura da sinfonia, que é dividida em dois movimentos. No primeiro, associado pelo compositor à passividade, a música parte de apenas duas notas que são repetidas obsessivamente pelas violas. Ao menos desde a *Sinfonia n.º 9* de Ludwig van Beethoven conhecemos aberturas em que murmúrios definidos aos poucos e apenas vagamente dão origem a temas e motivos mais sólidos, capazes de impelir a música adiante. Com efeito, o que se espera é que o compositor nos mostre os sons *in natura* e em seguida imponha a eles sua vontade. Nielsen, contudo, deixa nossas expectativas em suspenso, prolongando um cenário de fragmentos melódicos “caóticos, quase arbitrários”².

Como se não bastasse, a obra passa a ser alvo de uma verdadeira sabotagem musical. O ataque parte primeiro da figura sardônica tocada pelas madeiras, que o compositor relaciona às pulsões destrutivas. Em seguida, entra o ritmo maníaco da caixa. Quando a música finalmente consegue se organizar de forma expressiva, a investida das forças da desordem se intensifica. No clímax do movimento, Nielsen pede para que o percussionista improvise do modo mais disruptivo possível, em uma tentativa final de demolir a sinfonia.



Carl Nielsen em 1887, fotografado por Christen Pedersen.

O segundo movimento se vale do contraponto para simbolizar o esforço de conquistar o autocontrole. Isso é particularmente claro nas duas fugas que ocupam a parte central do movimento. A primeira começa com um tema saltitante tocado pelos violinos em pianíssimo, mas logo ganha impulso e consegue seguir adiante mesmo quando os clarinetes tresloucados tentam interrompê-la. Já a segunda fuga parte de um tema mais lírico e conduz à triunfante seção final. Associado por Nielsen à atividade, o movimento é um poderoso esforço de reconstrução da música após a catástrofe.

Não se sabe ao certo o que seria essa catástrofe, nem exatamente quando Nielsen começou a escrever a sinfonia. Alguns sugerem que a obra seria uma maneira de elaborar o choque da Primeira Guerra Mundial (ainda que o compositor não tenha se envolvido diretamente no conflito), enquanto outros apontam para atribulações de seu casamento com a escultora Anne Marie Brodersen. De todo modo, o processo de escrita foi custoso para o compositor, que completou a partitura apenas nove dias antes da estreia, em janeiro de 1922. O público de Copenhague recebeu com entusiasmo essa sinfonia tão estranha quanto arrebatadora.

Paulo Sampaio

DOUTORANDO EM MÚSICA E MESTRE EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. EM 2024, SE FORMOU NO CURSO LIVRE DE REDAÇÃO E CRÍTICA MUSICAL DA ACADEMIA DE MÚSICA DA OSEP.

¹O depoimento de Nielsen pode ser encontrado em FANNING, David. *Nielsen: Symphony*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 99.
²Ibid.

RICHARD STRAUSS

MUNIQUE, ALEMANHA, 1864 – GARMISCH-PARTENKIRCHEN, ALEMANHA, 1949

Dom Quixote, Op. 35 – Variações fantásticas sobre um tema de caráter cavalheiresco [1896-1897]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 2 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS, 2 CLARINETES, REQUINTA, CLARONE, 3 FAGOTES, CONTRAFAGOTE, 6 TROMPAS, 3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS, PERCUSSÃO, HARPA, TUBA TENOR E CORDAS.

As desvairadas aventuras de Dom Quixote de la Mancha, personagem do romance de Miguel de Cervantes [1547-1616], inspiraram, do Barroco ao Modernismo, compositores de toda a Europa. Das odes de Henry Purcell às canções de Maurice Ravel, o “cavaleiro da triste figura” foi tema de diversas óperas (Antonio Salieri, Gaetano Donizetti, Jules Massenet, entre outros) e composições instrumentais, como as de Georg Philipp Telemann, Anton Rubinstein e Manuel de Falla.

O “engenhoso fidalgo” também foi celebrado em um longo poema sinfônico (peça baseada em um “programa” extra-musical, geralmente de origem literária) do compositor alemão Richard Strauss. Escrita entre 1896 e 1897, a obra traz como novidade a presença de um solista, o virtuoso violoncelo que incorpora e expressa os delírios do herói de Cervantes, ilustrando musicalmente, em uma série de dez “variações fantásticas”, alguns momentos decisivos do romance.

A bela introdução, “cavalheiresca e galante”, anuncia o caráter geral da obra, marcada pelo contraste entre momentos irônicos e trágicos, seguindo os devaneios do empobrecido fidalgo provinciano, obcecado pela leitura de novelas de cavalaria. Cordas e sopros dialogam de maneira “rapsódica”, abrindo caminho para que o violoncelo solista enuncie, finalmente, o tema de Dom Quixote, logo acompanhado por intervenções da viola, que representa seu fiel escudeiro, o sensato e bonachão Sancho Pança.

Na primeira variação, uma orquestração complexa e colorida, característica das obras de Strauss, ilumina o famoso combate com os moinhos de vento, culminando em um glissando das harpas que mimetiza a ridícula derrota de nosso herói. Revigorado pela busca de novas aventuras, Dom Quixote enfrenta, na belicosa e dissonante segunda variação, um outro adversário imaginário, o “poderoso exército” de carneiros.

A sabedoria prosaica de Sancho revela-se na variação seguinte, em contraponto aos delírios de seu mestre. Durante toda a peça, Strauss usa o contraste entre os dois personagens para uma alternância de temas, motivos, ritmos e harmonias. O encontro com uma procissão de penitentes inspira a próxima variação: confundindo os religiosos com um bando de ladrões, Quixote segue o seu código de honra e, para desespero de Sancho, os ataca ferozmente, sofrendo uma nova derrota.



O Cavaleiro da Lua Branca derrota Dom Quixote. Edição francesa de 1866.

O violoncelo solista sonha então com Dulcineia, no belo interlúdio que configura a quinta variação: uma lenta declamação dos sentimentos mais profundos do cavaleiro por sua amada ideal. O inesperado encontro com a donzela dos sonhos, na realidade uma simples lavadeira, marca a sexta variação. A comicidade do desencontro amoroso gera contrastes grotescos, conduzindo à variação seguinte, a famosa “cavalgada pelos ares”, ilustrada por motivos cromáticos, glissandos e máquinas de vento.

Na oitava variação, o turbilhão dos ares se metamorfoseia em águas agitadas, que recordam o tema dos moinhos para apresentar o cômico naufrágio de um patético “barco encantado”. A corajosa luta contra os poderosos magos, pobres monges beneditinos montados em suas mulas, é retratada na nona variação, que prepara o definitivo combate contra o Cavaleiro da Lua Branca, aventura final de nosso herói, também marcada por uma derrota humilhante.

O final tem como título “O retorno à sabedoria: Dom Quixote vive seus últimos dias em contemplação, aguardando sua morte”. O poema sinfônico rememora os principais temas da obra, entrelaçando motivos cômicos e fúnebres. Fascinado por heróis complexos e polêmicos (outras de suas obras celebraram Don Juan, Till Eulenspiegel, Zarathustra, e o próprio artista, em “A vida do herói”), Richard Strauss enfrentou o desafio de representar as ambiguidades de Dom Quixote sem jamais perder a tensão, também presente no romance, entre delírio e realidade, ironia e tragédia, amor e desilusão, contradições que tornam essa obra uma aventura musical “quixotesca”, no melhor sentido da palavra.

Jorge de Almeida

DOUTOR EM FILOSOFIA E PROFESSOR DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA NA USP. TRADUTOR E CRÍTICO, É PROFESSOR CONVIDADO DA ACADEMIA DE MÚSICA DA OSESP.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se diretor musical e regente titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdam, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Emilia Hoving REGENTE

A jovem regente de Helsinque começou sua carreira profissional como assistente de Hannu Lintu, na Sinfônica da Rádio Finlandesa em 2019, e de Mikko Franck, na Rádio França entre 2020 e 2022. Na temporada 2024-2025, a finlandesa retorna à Philharmonia Orchestra, à Filarmônica Real de Estocolmo, à Filarmônica de Helsinque e à Sinfônica de Stavanger, além de estreiar à frente da Filarmônica de Estrasburgo, da Orquestra Nacional da Bélgica, da Orquestra Nacional Real Escocesa, da Orquestra Nacional da BBC do País de Gales e da Orquestra de Castilla y León. Nos últimos meses, apresentou-se pela primeira vez com a Filarmônica da Rádio França e com a Sinfônica da BBC. Hoving fez sua estreia no Japão em 2022, no Suntory Hall, com a Sinfônica Yomiuri Nippon. Também participou do Festival Avanti! Summer Sounds 2023. A maestra está profundamente envolvida com o projeto da Filarmônica de Helsinque de resgatar as obras de compositores nativos de séculos passados.



Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO

O violoncelista dinamarquês tem sido solista em importantes orquestras, além de ter conquistado uma série de distinções em seu país natal, como os Prêmios Victor Borge e Jacob Gade. Fora da Dinamarca, ganhou o East & West Artists Prize pela estreia em Nova York e o 1º Prêmio de Violoncelo na Competição Internacional de Washington (EUA). Isso lhe rendeu recitais no Carnegie Hall e na Phillips Collection, em Washington D.C. Na Europa, conquistou prêmios no Concurso Nórdico de Violoncelo em Turku, Finlândia, e no Concurso Cassadó em Florença, Itália. Estreou em recital no Wigmore Hall, em Londres, em 1991, e desde então se apresentou nos EUA e na Europa, tanto como solista quanto em recitais, participando também de festivais internacionais em Båstad (Suécia), Prussia Cove (Inglaterra), Hakuba (Japão), Rio de Janeiro e Recife. Dinitzen lecionou no Royal Northern College of Music, em Manchester, na Academia Real Escocesa de Música e Drama, em Glasgow, e na Academia Real Dinamarquesa de Música. Foi membro da Orquestra de Câmara da Europa e violoncelista principal da Orquestra Real Dinamarquesa. Desde 2024, é violoncelo solista da Osesp.



Horácio Schaefer VIOLA

Já aos 15 anos, o violista atuava como chefe de naipe da Orquestra Jovem do Estado de São Paulo. Mudou-se para a Alemanha em 1971, para se aperfeiçoar com Max Rostal. Em seus estudos em música de câmara, foi orientado por membros de renomados quartetos europeus, como o Melos Quartett, de Stuttgart, e o Amadeus Quartet, de Londres. Em 1979, obteve o mestrado na Escola Superior de Música e Dança de Colônia. A partir daquele ano, passou a desenvolver carreira como solista, recitalista e camerista, tocando em diversas cidades da Alemanha. Integrou a orquestra de câmara barroca Deutsche Bachsolisten e foi chefe de naipe das violas da Filarmônica de Essen. Foi membro do Quarteto Ravel, com o qual realizou diversas turnês e gravações para rádios europeias. Durante três anos, tocou na Sinfônica da Rádio de Frankfurt, compondo também o sexteto de cordas dessa orquestra. Schaefer foi violista do Quarteto Amazônia, com o qual venceu, em 2002, o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica, com *Adiós Nonino: Quarteto Amazônia toca Astor Piazzolla* (Kuarup Music, 2001).

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR
Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR
Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO
Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marcelo Henrique Assis

CHEFE DE GABINETE
Daniel Scheiblich Rodrigues

COORDENADORA DAS UNIDADES DE FORMAÇÃO
CULTURAL E DIFUSÃO, BIBLIOTECAS E LEITURA
Adriane Freitag David

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO
DOS CONTRATOS DE GESTÃO
Marina Sequetto Pereira

COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Mariana de Souza Rolim

COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO
E ECONOMIA CRIATIVA
Liana Crocco

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA
Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Pedro Pullen Parente PRESIDENTE
Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Claudia Nascimento
Luiz Lara
Marcelo Kayath
Mario Engler Pinto Junior
Mônica Waldvogel
Ney Vasconcelos
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO
Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL
Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE COMUNICAÇÃO
E MARKETING
Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:
[HTTPS://FUNDACAO-OSESP.ART.BR/FORESP/PT/SOobre](https://fundacao-osesp.art.br/foresp/pt/soobre)

Osesp duas e trinta

Embarque no fim de semana:
concertos sexta à tarde na
Sala São Paulo por **R\$ 42,00.**

Próximos concertos:

18/04 - Páscoa na Sala: a *Paixão segundo São João*, de Bach
16/05 - Romeu, Julieta, *Sonhos de inverno* e a percussão

06/06 - Semana do Meio Ambiente: terra, mar e os planetas
29/08 - Embarque nas mil e uma noites de Rimsky-Korsakov
19/09 - Da música colonial brasileira a uma favorita de Tchaikovsky

31/10 - Viaje à encantadora pátria de Smetana
14/11 - *Sinfonia Órgão*, um autorretrato de Saint-Saëns
12/12 - A beleza profunda entre a *Patética* e a *Glória*



Adquira seus ingressos em **osesp.art.br**

Próximos concertos

6 DE ABRIL

Estação CCR das Artes

Coro da Osesp

Thomas Blunt REGENTE

Obras de Heinrich Schütz e Johannes Brahms.

6 DE ABRIL

Estação CCR das Artes

Septeto 1913

Amanda Martins VIOLINO

Matthew Thorpe VIOLINO

Sarah Pires VIOLA

André Rodrigues VIOLA

Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO

Adriana Holtz VIOLONCELO

Pedro Gadelha CONTRABAIXO

Flávia Kele SOPRANO

Cristiane Minczuk

MEZZO SOPRANO

Anderson Sousa TENOR

Erick Souza BARÍTONO

Israel Mascarenhas PIANO

Fernando Tomimura PIANO

*Obras de Richard Wagner,
Johannes Brahms e
Richard Strauss.*



Agenda completa e ingressos

Algumas dicas

Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

Acesso à Sala

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/servicos

WWW.OSESP.ART.BR

 @OESP_

 /OESP

 /VIDEOSOESP

 /@OESP

ESCUTE A OESP

 SPOTIFY

 APPLE MUSIC

 DEEZER

 AMAZON MUSIC

 IDAGIO

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR

 @SALASAOPAULO_

 /SALASAOPAULO

 /SALASAOPAULODIGITAL

 /@SALASAOPAULO

WWW.FUNDACAO-OESP.ART.BR

 /COMPANY/FUNDACAO-OESP/

Créditos de Livreto

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

MARIANA GARCIA

SUPERVISORA DE PUBLICAÇÕES

JESSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS

BERNARD BATISTA

BERNARDO CINTRA

ANA CLARA BRAIT

REVISÃO CRÍTICA DAS NOTAS: IGOR REIS REYNER

P. 3 ANTONIO MENESES. © SATOKO KURODA

P. 6 UNSUK CHIN. © PRISKA KETTERER

P. 8 CARL NIELSEN EM 1887, FOTOGRAFADO POR CHRISTEN PEDERSEN. © DANISH ROYAL LIBRARY

P. 12 O CAVALEIRO DA LUA BRANCA DERROTA DOM QUIXOTE. EDIÇÃO FRANCESA DE 1866. [PARIS, *HISTOIRE DE L'ADMIRABLE DON QUICHOTTE DE LA MANCHE* (HACHETTE ET CIE.)]. © BIBLIOTECA VIRTUAL MIGUEL DE CERVANTES

P. 14 OESP. © MARIO DAIOLA

P. 15 EMILIA HOVING. © LAURA OJA

P. 16 KIM BAK DINITZEN. © MARIO DALOIA

P. 17 HORÁCIO SCHAEFER. © MARIO DALOIA

Na identidade visual da Osesp, cada cor
da paleta leva o nome de um sentimento.
Nesta capa, usamos Fascínio inspirada por
Dom Quixote, Op. 35 de Richard Strauss.

COMUNICAÇÃO FUNDAÇÃO OSESP, 2025



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC: 245467